



CONSERVADORISMOS RELIGIOSOS HOJE E OS DESAFIOS DOS ESTUDOS DA RELIGIÃO. ENTREVISTA COM GIZELE ZANOTTO

*Religious conservatisms today and the challenges of religious studies.
Interview with Gizele Zanotto*

Diego Omar da Silveira*
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
DOI: 10.29327/256659.14.1-15



O crescimento da literatura sobre conservadorismos, em grande parte escrita por conservadores e como apologia a uma militância contra o que identificam como marxismo cultural ou como esquerdismo, tornou-se marcante no Brasil da última década. Autores esquecidos,

* Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

muitos dos quais tratados com desdém pelos intelectuais e acadêmicos, passaram a ter suas obras reeditadas e postas em circulação em novos ambientes (inclusive digitais) de sociabilidade. Tornaram-se faróis a guiar esses grupos identificados com pautas morais bastante restritivas que, ao fim e ao cabo, operam com o propósito de recristianizar o país que, segundo suas premissas e sínteses, estaria sendo degenerado justamente por aquelas coisas contra as quais militam e que são tratadas como forças que ameaçam a fé em Deus, a família tradicional e a pátria – que afinal de contas teria nascido sob o signo da cruz.

Em poucos anos, e apesar do acúmulo de pesquisas e de massa crítica acerca do que a ditadura representou, nos vimos novamente às voltas com lemas bastante visitados nos anos 1960 pelos movimentos católicos e protestante intransigentes. Ao assistir ao programa eleitoral de certos candidatos era como se tivéssemos sido arremessados ao passado; como se entrássemos em um filme do Glauber Rocha! Na rua, no entanto, pudemos constatar a durabilidade de um passado que teima em bater a nossa porta. A estética medieval de muitos grupos, o apelo institucional de outros, a repetição de lemas que já pareciam inadequados e anacrônicos algumas décadas atrás voltaram à vida política brasileira para, por um lado, potencializar as teses da militância conservadora e, por outro, escamotear a obsolescência dessas mesmas teses, fadadas a um certo tipo de idealismo, que é tanto mais propenso a generalizações quanto à estridência. As dificuldades para ler esses processos e os desafios que os conservadorismos continuam a impor aos estudos da religião são os temas desta entrevista.

Gizele Zanotto – certamente uma das pesquisadoras mais gabaritadas para tratar desses temas em nosso campo de estudos – já se debruça sobre esses assuntos há bastante tempo. Mestre e doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com pós-doutorado na Universidad de Buenos Aires (UBA), ela tem se dedicado de modo sistemático a entender os fundamentos, a atuação, a estética, entre tantos outros elementos, da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, mais conhecida como TFP. Também tem investigado a atuação e a repercussão do trabalho do fundador e líder desse grupo, Plínio Corrêa de Oliveira, que manteve por décadas uma intensa propaganda antimoderna, falando tanto (como fiel) para dentro da instituição católica, quanto (como intelectual conservador) para a sociedade de modo mais abrangente. Os desafios atuais de pesquisas desse tipo em contextos que seguem mudando também estão no radar dessa historiadora, bem como seus novos interesses, como se pode ler nas páginas que se seguem.

Diego Omar: Em quase todas as entrevistas da Plura, sempre começamos pedindo aos nossos entrevistados que falem um pouco da sua trajetória, como que apresentando aos leitores como seus temas de estudo surgiram na sua trajetória. Então você está convidada a fazer esse esforço de contextualização da sua produção...

Gizele Zanotto: Iniciei meus estudos sobre crenças ao fim da graduação, ao pensar em ingressar no mestrado na UFSC, muito estimulada por professores daquela instituição que me instigavam a seguir os estudos quando do meu envolvimento, como graduanda e egressa, na organização de eventos e atividades de iniciação científica. Para tanto, me foi indicada a leitura de Gustavo Corção, que de fato foi intrigante, mas não despertou à época o interesse em seguir nessa senda. Logo depois me chegou às mãos uma obra de Plínio Corrêa de Oliveira, que estimulou a proposição de um projeto para o mestrado. O foco, então, fora o discurso contrário a reforma agrária, tendo como fontes as produções difundidas sob a bandeira institucional da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), avaliando as nuances contextuais de sua discussão anti-agrorreformista que inicia com maior fôlego na argumentação anticomunista de matiz religiosa, mas que vai se aproximando de dados estatísticos, avaliações e projetos de acampamentos/assentamentos e estudos da legislação. Essa “profanação” do discurso se alinha às mudanças da própria sociedade brasileira que evidenciam que a lógica religiosa foi sendo deslegitimada pelo contexto de ampliação formativa, de direitos e redução das desigualdades que foi progressivamente sendo incorporada à política, sociedade e cultura no Brasil.

Entender uma entidade de autoidentificação católica, mas lidando com o Estado, pois institucionalizada como associação civil, trouxe outro desafio: o de pensar o catolicismo para além dos limites do campo religioso, de fato, na linha das análises de Pierre Bourdieu sobre a porosidade dos campos, bem como a dissolução do campo religioso em campo de manipulação simbólica.

Das angústias da dissertação e o conhecimento de muitas outras facetas acerca da TFP, propus como projeto para o ingresso no doutorado o estudo da perspectiva político-cultural que embasa as atuações tefepistas, bem como a compreensão de sua lógica de organização interna, que se conformou de modo análogo a um instituto religioso e que também agregou ao seu cabedal católico, práticas idiossincráticas, quais sejam, de devoção ao fundador da entidade e de sua genitora, de ter como mártires os membros já falecidos, de

produzir e orar para membros, portar fotos e relíquias como formas de proteção, entre outras ações, ritos e crenças. A proficuidade do tema se amplia ao se avaliar a transnacionalização da TFP e também a transposição dessas práticas *sui generis* para fora do Brasil. Assim, a lida da pesquisa não findou, e só se complexifica, pois a TFP segue ativa no Brasil e em vários países, assim como secções dela existem e trazem novos desafios à compreensão do campo religioso, como a Associação Cultural Montfort, a Associação Arautos do Evangelho, o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, entre outros.

Diego Omar: Nesse período vimos os trabalhos sobre conservadorismo católico – e religioso, de modo mais geral – emergir de sua condição de *outsider*. Até os anos 1990, em especial a História da Igreja estava muito balizada por uma produção engajada, que havia praticamente invisibilizado esses temas, quase que identificando-os às memórias que os próprios conservadores faziam de si. Como você analisa esse processo?

Gizele Zanotto: De fato, embora alguns pesquisadores da direita católica percebessem um incremento discursivo e prático de grupos conservadores, a amplitude desse revigoramento foi um choque para muitos. Estudando a TFP e conservadorismo católico percebi esse avolumar de grupos contrários a uma proposta mais engajada e crítica da atuação da Igreja Católica e, de certo modo, essas evidências foram conformando uma noção de revigoroamento das direitas, condizente com algumas crises de sentido, muito analisadas pelos estudiosos da modernidade e da globalização, por exemplo.

É um complexo de fatores que se articulam para trazer mais à evidência essa posição restritiva e autorreferenciada: desestabilizações nas relações sociais, crises de identidade, pluralismo e possibilidades de escolha mais amplas, que geram certa instabilidade a muitos. Também empatia pela ordem hierárquica, apreço pela estética medieval, gosto pela figura de monges-guerreiros, defesa do celibato como opção de livre escolha, isolamento social e “bombardeio” de amor por grupos reacionários... enfim, várias relações de todos os campos que configuram uma realidade que não é facilmente explicável. Veja-se, por exemplo, a ascensão da direita nos últimos anos na política de inúmeros países.

Confesso que este panorama que lhes esboço ainda é limitado. Creio que um maior afastamento temporal e mais fontes possam ser muito úteis para seguirmos aprofundando essa interpretação do fenômeno, que não é só brasileiro.

Diego Omar: Qual é o papel ou o lugar da TFP hoje, no catolicismo brasileiro? E a relação com os Arautos do Evangelho? Essa é uma pergunta quase jornalística, mas é que seria interessante dimensionar um pouco esse movimento... Associações desse tipo continuam surgindo ou tem paulatinamente desaparecido?

Gizele Zanotto: A TFP brasileira, hoje, destaca a devoção fatimista e promove algumas ações caritativas. De fato, o grupo que a dirige voltou-se aos aspectos religiosos, em dissonância ao que ocorria quando da liderança do fundador Plínio Corrêa de Oliveira, falecido em 1995. O ramo que manteve um alinhamento operativo mais integrista, político-cultural e religioso, atualmente luta sob bandeira do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), mantendo suas campanhas restritivas à mudanças de ampliação de direitos sociais, identitários e reprodutivos, defesa do agronegócio e do armamento, luta contra aborto, etc.

Já os Arautos do Evangelho – derivação seccionada da TFP pós-falecimento de Oliveira – consolidou-se no espectro institucional católico pela sua criação como associação internacional de direito pontifício, ampliando seu escopo com a progressiva agregação feminina, criação de institutos de formação, consolidação internacional, criação de escolas, presença midiática e aberta defesa da devoção pliniana, bem como de outros elementos idiossincráticos do crer na TFP. Os Arautos não são uma excrescência, como muitos acusadores gostam de afirmar. Dado seu apelo estético e votivo trentino, são mais um dos movimentos católicos exclusivistas que têm ampliado seu espaço e se multiplicado mundo afora – fenômeno iniciado com maior vigor no pós-Segunda Guerra Mundial e muito importante contemporaneamente. Entre tais grupos há os Focolare, o Comunhão e Libertação, os Carismáticos, a Canção Nova, o Neocatecumenato, a *Opus Dei*, os Legionários de Cristo, entre outros.

Diego Omar: Se formos pensar em um período de mais ou menos 30 anos – parto da publicação dos livros sobre *Catolicismo*, organizados pelo Pierre Sanchis no início da década de 1990, podemos verificar que houve também mudanças significativas no perfil religioso da população, com destaque para o crescimento evangélico (e dentro desse setor, dos neopentecostais). Bem como a entrada maciça desses novos grupos de religiosos na política e uma tomada do espaço público por pautas morais, de fundo igualmente religioso. Como isso contribuiu para o crescimento dos intransigentismos? E daria para falar hoje em uma espécie de aliança de setores ultraconservadores católicos e evangélicos, já que ambos foram historicamente rivais?

Gizele Zanotto: Esse avanço visível dos religiosos na política deriva de uma estratégia de domínio de pautas públicas com temas de interesse religioso, mas também do espaço existente para aprofundar o proselitismo e a visibilidade evangélica em contraponto à ideia do “Brasil católico”. Certamente que a abertura política e o contexto pós-ditadura favoreceram a compreensão de que a ocupação de postos políticos era um meio – embora profano – legítimo para “recristianizar” o país. São intransigentismos, fundamentalismos, tradicionalismos e conservadorismos que se mostram publicamente como vetores políticos ou grupos de pressão que não deixam de evidenciar seu crescimento pela agência, pelo envolvimento, pela mobilização intensa.

Todavia, embora haja pautas comuns, não entendo que tenhamos alianças ou aproximações mais sistemáticas, sobretudo porque em muitos desses grupos, movimentos, igrejas, partidos, há uma noção de que cada um porta a verdade. Logo, transigências podem ser mais deletérias do que positivas, em especial a médio e longo prazo. De fato, não é um cenário em que eu tenha desenvolvido estudos aprofundados. São mais impressões pelos grupos que acompanho, como “curiosa”.

Diego Omar: Você tem se dedicado já há algum tempo a pensar questões teórico-metodológicas na História e nas Ciências Sociais no Brasil, sobretudo de como eles nos ajudado nas pesquisas sobre religiões e religiosidades. Quais são desafios hoje, desse ponto de vista (teórico-metodológico)?

Gizele Zanotto: Creio que toda interdisciplinaridade e incorporação de conceitos de outras áreas pode potencialmente ser benéfico ao entendimento da humanidade, nosso foco de estudos. E entender grupos, sociedades, indivíduos é extremamente complexo, visto que somos historicamente constituídos em função de comunicações, conhecimentos, perspectivas, visões de mundo, crenças, práticas, engenhosidades... E entendo que neste cenário torna-se inócuo um cabedal de procedimentos teórico-metodológicos estanques.

Assim, seguindo um mestre da sociologia que me foi muito importante na formação, prefiro pecar pelo ecletismo do que pelo seguimento de uma proposta epistemológica restritiva, fechada. O desafio é compreender que muitos conceitos e categorias de análise são iniciadores de um processo de reflexão e não determinadores de nossa análise, o que vale também para conceitos históricos. A ousadia de tentar o novo, de recompor os sentidos de conceitos definidos, mas nunca findados em sua polissemia, me parece o mais desafiador, mas também urgente, em especial no campo das religiões e religiosidades.

Tratar o *crer* é complexo, pois implica nas subjetividades, valores, investimentos em “verdades”, práticas derivadas e, claro, sociabilidades, normas, tabus, compreensões para além do que o fenômeno nos proporciona à vista. O desafio é sair da zona de conforto do que já sabemos e ousar pensar mais além, tanto em termos de abordagens, quanto de recursos teórico-metodológicos, para dar conta de produzir conhecimentos avançados e mais qualificados.

Diego Omar: Bem, estando no sul do país, você acabou reforçando diálogos no Mercosul. Uruguai, Argentina e Chile são países com uma produção interessantíssima, mas quase nada chega ao Brasil e os autores de língua espanhola ainda são pouco lidos entre nós. Como mudar esse panorama e qual o tamanho desse desafio?

Gizele Zanotto: Essa questão é interessante, pois além do conteúdo em si dos trabalhos de outros países – que são instigantes e qualificados – temos que lembrar que há um forte apelo da indústria editorial para o que se elege ou não para publicar e divulgar amplamente, quais centros de pesquisa têm relações mais próximas com nossos grupos nacionais de investigação, quais “filtros” de lugar, redes de sociabilidade intelectual, recursos simbólicos e financeiros, benefícios editoriais estão aí envolvidos.

Este panorama está lentamente mudando, mas continua na agenda do dia. Além de língua espanhola, temos excelentes publicações em língua inglesa, de autores indianos, africanos, australianos, e outros que também enriquecem nossas reflexões, embora sejam de acesso ainda mais restrito. Ousar nas buscas por autores nos mecanismos *online* é uma dessas propostas que defendo para sairmos da zona de conforto. Aliás, ao invés de buscar autores, tenho optado por buscar temas, enfoques e felizmente minhas opções de leitura estão se abrindo para este mundo digital que tem estado mais acessível, pelo menos a alguns, e que pode nos trazer importantes e inovadoras contribuições, sobretudo para pensar crenças e práticas não-cristãs, não emolduradas pela nossa interpretação ocidental de mundo.

Diego Omar: Ao mesmo tempo que a ACSRM ganhou mais espaço no Brasil, vimos crescer também nacionalmente as articulações para que os pesquisadores da área se encontrem, troquem experiências e construam coletivamente projetos de pesquisa mais abrangentes. Podemos citar, como exemplos, a interiorização da ABHR e do GTHRR da ANPUH. Como fortalecer essas relações interinstitucionais e fazer o campo avançar de modo mais uniforme?

Gizele Zanotto: Creio que seguir aproximando os grupos da comunidade de pesquisadores e interessados e das entidades em si deve ser um passo ao qual devemos nos dedicar. Certamente que instituições diversas podem passar a ideia de um fracionamento entre pesquisadores ou abordagens – e às vezes o são. Todavia, para o avanço do conhecimento, nosso objetivo no final das contas, o diálogo, a abertura e a troca são essenciais.

Nesse sentido – e com o estancar de muitas atividades nos últimos anos pelo contexto deletério e de desmonte da pesquisa e produção de conhecimento vivenciado na gestão Bolsonaro – teremos que praticamente reiniciar muitos processos. Estamos num momento difícil para encetar ou mesmo solidificar e revigorar relações, visto que os efeitos da pandemia Covid-19 seguem, com restrições que vão desde o tempo até questões financeiras, enfraquecimento e desmotivação do ser pesquisador e professor, além de questões de saúde causadas pelo esgotamento físico e psicológico de muitos profissionais. O fortalecimento dos grupos é urgente, mas esbarra em condições humanas e materiais bastante reais.

Diego Omar: Gostaria que você falasse um pouco da Rede de Pesquisa: História e Catolicismo no mundo contemporâneo, e das atividades que vocês têm realizado, como seminários e publicações...

Gizele Zanotto: A Rede surgiu da ideia do colega Renato Amado Peixoto (UFRN) que, em um evento da ANPUH, em Florianópolis, propôs a conformação de uma rede interinstitucional e internacional a mim, ao Cândido Rodrigues (UFMT) e ao Rodrigo Coppe Caldeira (PUC-Minas), como forma de oficializar um trabalho conjunto que já realizávamos de modo esporádico.

Em 2015 foi instituída a Rede que se volta para projetos conjuntos, obras, eventos, dossiês, tendo como eixos a cultura e a política em relação aos Catolicismos no mundo contemporâneo. Ela conta com colegas do Brasil e exterior e vincula nossos estudantes, orientandos, na perspectiva de formação qualificada e avançada de recursos humanos. O destaque tem sido a parceria em produções que deixem registros e material acadêmico, como artigos, capítulos, debates no youtube, palestras. Uma amostra do já realizado pode ser vista em nosso site (<https://ppghupf.wixsite.com/historiaecatolicismo>) que em breve terá atualizações sobre uma nova publicação e o evento de 2023.

Diego Omar: Uma curiosidade, como seu trabalho se desdobrou também para o campo do patrimônio e dos estudos cemiteriais? Você pode nos narrar um pouco desse processo?

Gizele Zanotto: Minha atuação profissional em uma entidade comunitária, pública não-estatal, feita por e para a comunidade de Passo Fundo e região, incide em que essa relação com a sociedade seja orgânica, tanto na formação de recursos humanos para sanar e qualificar profissionais do norte do Rio Grande do Sul, quanto no atendimento a demandas para resolução de problemas.

Dessa forma, desde que ingressei como docente na Universidade de Passo Fundo (em 2009) me integrei a essa lógica de responsabilidade social e passei a buscar focos de pesquisa, ensino e extensão que pudessem avançar na produção de conhecimento, mas também na sua repercussão de curta, média e longa duração. Os estudos sobre crenças locais (romarias, santinhas de cemitério, diversidade religiosa) são parte desse processo, em articulação com uma demanda formativa institucional e educacional, bem como com as derivações temáticas para questões do patrimônio cultural. Assim, pelas circunstâncias e pelos interesses pessoais, também pela proximidade com os colegas do Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF) e em razão de coordenar o Arquivo Histórico Regional (AHR – PPGH/UPF), foi proposta a mim uma parceria para pensar os cemitérios como lugares de história, memórias, patrimônio, arte, educação e cultura. Isso se desmembrou depois em ações que as equipes do AHR e IHPF têm realizado desde 2012 em relação ao Cemitério Municipal Vera Cruz: exposições, guias de visitação, história local, rotas temáticas de visitação, publicação de livro, apresentação de trabalho, produção de teatro sobre história cemiterial e local. Enfim, desdobramentos múltiplos que seguem instigando o público local para conhecer, além de visitar o Cemitério Vera Cruz, que é o mais antigo ainda em funcionamento no espaço urbano de Passo Fundo. Minhas visitas cemiteriais têm certa assiduidade, pelo gosto e por entendê-lo como espaço educativo e cultural de múltiplas potencialidades.

Livros publicados por Gizele Zanotto:

ZANOTTO, Gizele. *Tradição, Família e Propriedade* (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995). Passo Fundo: Méritos, 2022.

ZANOTTO, Gizele. *São Miguel, príncipe, guardião e guerreiro*: histórias e memórias sobre 150 anos de festas em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Acervus, 2022.

ZANOTTO, Gizele. *Reforma agrária em foco*: o discurso de Plínio Corrêa de Oliveira (1960-1995). Passo Fundo: Acervus, 2020.

ZANOTTO, Gizele; COWAN, Benjamin Arthur (org.). *O pensamento de Plínio Correa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP* – Vol. I. Passo Fundo: Acervus, 2020.

ZANOTTO, Gizele; COWAN, Benjamin Arthur (org.). *O pensamento de Plínio Correa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP* – Vol. II. Passo Fundo: Acervus, 2020.

RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele; CALDEIRA, Rodrigo Coppe; PEIXOTO, Renato Amado (org.). *Política e Cultura no Catolicismo Contemporâneo*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

MIRANDA, Fernando; ZANOTTO, Gizele (org.). *A morte não é o fim: culturas e identidades no Cemitério Vera Cruz*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ZANOTTO, Gizele (org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: campo religioso Sul-Riograndense*. São Paulo: ANPUH, 2018.

MACHADO, Ironita Policarpo; ZANOTTO, Gizele (org.). *Bens culturais: da pesquisa à educação patrimonial*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2017.

ZANOTTO, Gizele. *Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Passo Fundo*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016.

ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (org.). *Momento Patrimônio*. Vol. III. Erechim: Graffoluz, 2015.

RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele; CALDEIRA, Rodrigo Coppe (org.). *Manifestações do Pensamento Católico na América do Sul*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

MACHADO, Ironita Policarpo (Org.) ; ZANOTTO, Gizele (Org.) . *Momento Patrimônio - Volume IV*. IV. ed. Erechim/RS: Graffoluz, 2015. 268p .

ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (org.). *Momento Patrimônio*. Vol. II. Passo Fundo: Aldeia Sul; Berthier, 2013.

RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele (org.). *Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina*. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele (org.). *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul (Vol. 2): espiritismo e religiões mediúnicas*. São Paulo: ANPUH, 2013.

ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (org.). *Momento Patrimônio*. Vol. I. Passo Fundo: Berthier, 2012.

ZANOTTO, Gizele. *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul (Vol. 1)*. E-book. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2012.

Recebida em 08/05/2023

Aprovada para publicação em 23/05/2023